

O TRAUMA DO PLANO COLLOR

Ainda está muita viva na memória das pessoas a lembrança daquele dia de março, há quase nove anos, quando o país, perplexo, assistiu a poderosa ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, anunciar que cada brasileiro só poderia dispor de 50 mil cruzeiros (cerca de US\$ 1.200) de todo seu dinheiro depositado nos bancos. O resto estava bloqueado, inclusive a caderneta de poupança. Era inacreditável, mas era verdade. E cada cidadão teve que se adaptar à nova realidade.

Só após 18 meses, o dinheiro da população foi devolvido com juros de 6% ao ano e uma correção monetária que não considerou a inflação de 84% registrada no último mês do governo Sarney. Ainda hoje várias ações tramitam no Supremo Tribunal de Justiça pedindo o pagamento dessa correção.

O Plano Collor tinha como inimiga uma inflação superior a 80%. Para derrotá-la, o então candidato Collor de Mello anunciou que só tinha uma bala, um único disparo. Solto uma bomba, quando virou presidente. “A sociedade está chocada”, reagiu o

candidato derrotado à presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva (PT), um dia após o anúncio das medidas.

Com o confisco, o governo tirou de circulação uma quantia da moeda equivalente a 15% do Produto Interno Bruto (PIB). Em dinheiro, isso significava algo em torno de US\$ 57 bilhões.

ARROCHO

A equipe de Collor mudou o nome da moeda: cruzado novo virou cruzeiro; extinguiu órgãos públicos e cargos na hierarquia do funcionalismo, aumentou a cobrança de impostos, acabou com incentivos fiscais, apertou as contabilidades dos bancos e sugou o dinheiro que circulava no mercado, através do bloqueio temporário de todas aplicações financeiras, desde o *overnight* até a caderneta de poupança e a conta corrente.

“Essas medidas vão por um fim à inflação”, anunciava em tentativa profética o então presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, um dos autores do Plano.

Para conseguir aprovar todas as medidas provisórias, o presidente Collor soube fazer cena. Cami-

nhou os quase 300 metros que separam o Palácio do Planalto do Congresso Nacional. Chegou ao Senado a pé, pedindo o respaldo do Legislativo para o seu plano.

Dez meses após ter confiscado 65% dos ativos financeiros existentes no Brasil, Collor descobriu que o seu plano estava fracassado. O que lhe restou foi uma recessão que reduziu o PIB em 4%, empobrecendo o país, e fez mais 2,5 milhões de desempregados.

O medo e a incerteza diante daqueles dias voltaram às mentes de alguns ontem, quando as agências bancárias registraram um movimento de saques acima do normal. A desvalorização do real e os aumentos de preços, as especulações de todo tipo abalaram a credibilidade do governo e mostraram quão a sociedade ainda não se recuperou do trauma causado pelo Plano Collor.

Zélia Cardoso de Mello também garantira várias vezes, antes da posse de Collor, que não haveria pacotes. E a população foi surpreendida com o mais cruel e injusto de todos. O presidente Fernando Henrique e sua equipe enfrentam agora a desconfiança daqueles que foram enganados.